



A poesia para crianças e jovens no ciberespaço

Poetry for children and young people in the cyberspace

Márcia Hávila Mocci¹

Resumo: Este estudo busca compreender os processos que norteiam as produções literárias no ciberespaço; aborda questões relacionadas à cibercultura, à poesia digital e às novas posturas do leitor diante do contexto midiático e propõe uma breve análise dos ciberpoemas de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, em específico o ciberpoema “Chá”. Observa-se que a literatura digital não é algo pronto e acabado, pois a proposta do autor é atualizada pela interação com o leitor.

Palavras chave: ciberespaço, poesia digital, ciberpoemas.

Abstract: This study seeks to understand the processes that guide the literary productions in the cyberspace; deals with issues related to cyberculture, the digital poetry and the new positions of the reader before the media context and proposes a brief analysis of Sergio Capparelli's and Ana Claudia Gruszynski's cyberpoems, in particular, the cyberpoem "Tea". It's observed that the digital literature is not something done and finished because the author's proposal is updated by the interaction with the reader.

Keywords: cyberspace, digital poetry, cyberpoems.

A literatura no ciberespaço

A partir da década de 1990, com a popularização da internet, do microcomputador e da criação da *World Wide Web* grandes mudanças ocorrem na humanidade, principalmente em relação à memória coletiva. Com o advento da internet, os bens culturais produzidos pela humanidade, e até então restritos a pequenos grupos, tornaram-se acessíveis a um grande número de navegadores e a arte, em especial, pôde ser apreciada por um número infinitamente maior de pessoas. Pensando na evolução da arte e nas formas de reprodução da mesma, deparamo-nos com a perspectiva de Walter Benjamin (1985), ao argumentar que a reprodutibilidade técnica dos objetos de arte é algo que ocorre desde a Idade Média.

Na modernidade surgem novas formas de reprodução como a fotografia e o cinema; no contexto da contemporaneidade, podemos entender da mesma forma as tecnologias digitais. Benjamin considera a reprodutibilidade técnica fator preponderante

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá - UEM - e doutoranda em Estudos Literários pela mesma Universidade.

da arte contemporânea e, embora, na reprodução falte o elemento autenticidade, ela possibilita outros recursos como a ampliação da imagem na fotografia, fator que aproxima o observador do objeto artístico.

Ao mesmo tempo em que reconfigura a cultura, o ciberespaço faz surgir uma nova cultura – a cibercultura. Lévy (1999, p. 17) conceitua cibercultura como um processo coletivo, “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. O teórico atribui à cibercultura um caráter de “inteligência coletiva”, uma vez que ela pressupõe a participação dos seus integrantes na produção de conhecimento.

Mediatizando o processo de convergência tecnológica, a internet passa a ser um instrumento de apropriação criativa dos meios digitais e gera uma cultura resultante da relação entre o ser humano e as novas tecnologias. Ao refletir sobre o aspecto de convergência das diversas mídias e linguagens presentes no universo do ciberespaço, Jenkins (2009, p. 30) argumenta que não são os aparelhos, por mais sofisticados que possam ser, que propiciam a convergência, mas a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações com os outros.

A respeito das especificidades do ciberespaço, Lévy (1996, p. 37) destaca que o texto, ao virtualizar-se, tornou-se um hipertexto, abarcando as funções de “hierarquizar e selecionar áreas de sentido, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete”. Na realidade, o autor compara o hipertexto a uma matriz de textos potenciais que se realizam a partir da interação com o leitor/usuário.

A figura do leitor também se modifica no universo do ciberespaço, surge o ciberleitor, acostumado à interatividade e à convivência simultânea das diversas mídias presentes no mundo virtual. Lévy considera o leitor que lê em tela mais participativo que o leitor que lê em papel, pois dele se exige novas competências, especialmente às de seleção e envio de comandos ao computador: “Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular”. (LÉVY, 1996, p. 41)

Nessa perspectiva novas formas de leitura são propiciadas pelo ciberespaço, uma vez que as páginas organizam-se de forma não-linear em estruturas hipertextuais. O leitor/navegador seleciona os caminhos a serem percorridos durante a leitura, de forma a se tornar um co-autor, uma vez que acaba percorrendo uma rede preestabelecida, participando da estruturação do hipertexto e criando novas ligações. Tanto o hipertexto quanto a multimídia são meios de transmissão de informações que, além de transformar as práticas de leitura, redimensionam as práticas sociais.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias digitais, o livro enquanto materialidade impressa, passa por uma desmaterialização até então nunca presenciada em nossa cultura. Essa mudança não se restringe apenas ao suporte de leitura, influencia as identidades a ela integradas, a saber o autor, o leitor, o crítico, o livreiro e o editor. Questões polêmicas a respeito de identidades surgem a partir do novo contexto cibercultural. Questiona-se o papel dos editores, posto que, a partir da criação contínua e facilitada de *sites* e *blogs*, cada dia mais, as pessoas tornam-se autoras de suas próprias produções literárias de forma que, qualquer um pode postar um texto literário na rede e tornar-se um autor em potencial. A cibercultura propicia o surgimento de novas textualidades digitais e dentre elas insere-se a poesia.

Poesia e ciberespaço

A poesia sempre esteve presente na vida do ser humano, desde os rituais e jogos sagrados, nas sociedades primitivas, até às letras de música, no cotidiano da vida moderna. Certo é que, assim como a expressão poética nunca deixou de fazer parte da vida do homem, também a relação entre imagem e poesia é algo que vem de longa data. Já no ano de 300 a. C o poeta Símias de Rodes compôs um poema em forma de ovo. . O poema foi chamado de O Ovo, e trata do nascimento de Eros, deus do amor, a partir de um ovo primordial, o Caos.

ΣΙΜΙΟΥ

xv: 27

Κωιδλας
 τῆ τοδ' ἄτριον νέον
 πρόφρων δε θυμῷ δέξο' δὴ γὰρ ἀγνάς
 τὸ μὲν θεῶν ἐριβόας Ἐρωτὸς εἴξε κάρυξ
 ἀνωγε δ' ἐκ μέτρον μονοβάμονος μέγαν πόρουθ' ἀέξειν
 θοῶς δ' ὑπερθεῖν ὄκα λήτριον φέρων νεύμα ποδῶν σποράδων πίφασκεν
 βοαῖς δ' αἰδύλαι νεβροῖς καλ' ἀλλήλων ὀρειπόων ἐλάφων τέκεσιν
 πάσαι κραπτοῖς ὑπερ εἴρων ἕμεται ποσὶ λήδων κατ' ἀρθμίας ἔχουσι τιβήνας
 καὶ τις ὠμῶθιμος ἀμφίπεδλον αἰψ' αἰδῶν θῆρ ἐν κόλπῳ δεξέμενος θαλαμῶν μοχλοτάτω
 κατ' ὄκα βοῆς ἀκοῦν μεθέπων, ἀγ' ἀσπὸν λείπον νεφοβόλων ἀν' ὄρεον ἕσονται εἴκος
 ταῖσι δὴ δαίμων κλυτὰς ἴσα βοῆς δοῦναι ποσὶ πολὺπλακα μετὶ μέτρον μολπῶς
 ῥάμφα πετρόκοιτον ἐκλιπῶν ὄρουσ' εὐνάν, ματρὸς πλογκυτῶν μεῶμενος βαλίας Διδὴν τέος
 βλαχκαὶ δ' οἶον πολυβότων ἀν' ὄρεον νομῶν ἔβαν ταυνοφύρων ἐσ ἀν' αἴτρα Νυμφῶν
 ταῖ δ' ἀμβρότω πόθῳ φίλας ματρὸς μῶοντ' αἴψα μεθ' ἡμερόντεο μεζόν
 ἔχει θέων . . . ταν πειναίολον Πιερίδων μονόδοτον αὐδῶν
 ἀριθμῶν εἰς ἀκραν δεκάδ' ἔχων κόσμον μέμοντοι ρυθμῶν
 φύλ' ἐς βροτῶν, ὑπὸ φίλας ἐλῶν περτοῖται ματρὸς
 λέγειά μιν κάμ' ἴφι ματρὸς ὠδὲς
 Δωρίας ἀνόνοος
 ματῆρος

Figura 1 - Símias de Rodes - O ovo (PAES, 1995)

Ao final do século XVII, Mallarmé (1842-1898) realizava experiências visuais na poesia, mesclando a linguagem escrita a outros sistemas semióticos, demonstrando que a descentralização da escrita linear não é algo novo. Em 1897, com a publicação do poema *Un coup de dés*, Mallarmé, aprimorando a visualidade da letra e fazendo do branco do papel elemento significativo, inaugura a poesia moderna. Também o escritor francês

Guillaume Apollinaire dedicou-se à poesia gráfica, incorporando formas às palavras. São dele os famosos “Caligramas” - textos que dispõem tipograficamente as palavras de forma a obter uma sugestão figurativa semelhante ao tema tratado, como se vê na figura abaixo:

Correntes de vanguarda, no século XX, como o Futurismo e o Concretismo seguiram a tendência de incorporação da imagem ao texto poético. No Brasil, Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos, na década de 1950, realizaram tentativas de unir, na poesia concreta, a linguagem verbal a outros sistemas de signos criando, a partir desses recursos, novos significados dentro do universo da poesia.

Como se pode observar, a relação entre visualidade e poesia não é algo novo, ou mesmo criado pelo ciberespaço, antes é uma apropriação histórica de inovações que ocorreram ao longo do tempo. A arte, de maneira geral, e a literatura/poesia em específico, possibilitam formas de abertura e adaptação aos novos modelos de linguagem que se desenvolvem através dos tempos. O texto poético, desde sua gênese, sempre buscou formas distintas de experimentação com a linguagem.

Pensar a poesia no ciberespaço pressupõe a exploração de trabalhos que se apropriem dos recursos próprios de seu contexto, tais como a linguagem diversificada, o formato hipermidiático e a interatividade, enfim, recursos computacionais que necessitam da internet para sua criação e para sua recepção, uma vez que utilizam HTML (*HyperText Markup Language, Linguagem de Marcação de Hipertexto*) e pressupõem a interatividade com o leitor para sua realização. Ou seja, uma poesia que não pode ocorrer num suporte impresso, como é o caso da poesia visual. Para Santaella a ciberpoesia é a “nova expressão poética do nosso tempo e integra o território da ‘ciberarte’, termo que assim como a net arte e web arte ou arte das redes, refere-se à toda a arte que tem sua base na cibercultura” (SANTAELLA, 2007, p. 332).

A ciberpoesia mantém os recursos, tanto estéticos quanto linguísticos que caracterizam o gênero - sonoridade, ritmo, metáforas, hipérboles, aliterações, entre outros - e a diferenciam da linguagem comum. O que ocorre é que recursos como interatividade, colaboratividade e simultaneidade acabam sendo potencializados no ciberespaço. O fazer poético digital apresenta novas formas de composição que necessitam de recursos especializados e inerentes ao ciberespaço como a programação de *softwares*, edição sonora, animação e recursos 3D. Como afirma Santaella, (2007) a técnica não mais diz respeito à manipulação de materiais, mas à manipulação da tecnologia.

A coexistência de diversas mídias no ciberespaço como movimento, áudio, imagem, texto e animações convergem na construção de uma poesia interativa, conforme afirma Capparelli: “Essas combinações de todos os *media computers* à nossa disposição

são uma síntese de todos os outros meios eletrônicos prévios e também podem combinar texto e qualquer coisa que possa ser digitalizada”. (CAPPARELLI et. al., 2000, p. 76).

Os ciberpoemas para crianças e jovens

A criança e o jovem têm sido destinatários de uma ampla produção cultural na sociedade contemporânea. Diversos são os segmentos para esse público específico, tanto no campo da cultura impressa, quanto no contexto da cibercultura. A literatura infantojuvenil, e também a poesia, circulam em bases virtuais a partir de inúmeros modos de interação com o leitor, especialmente em relação às hipertextualidades eletrônicas. Um poema digital, mesmo que pareça estático, exige a atuação do leitor para colocá-lo em movimento, também o tempo de duração da leitura é indeterminado, há poemas que não têm fim, é o leitor quem escolhe o momento de fechar a página do navegador.

Autores contemporâneos vêm realizando novas formas de experimentações em relação à produção poética para a infância e a juventude, criando uma poesia que, além da palavra, apropria-se dos recursos inerentes ao ciberespaço como a imagem, o som, o movimento e o hipertexto. Dentre os recursos virtuais que cativam a atenção dos pequenos destacam-se as imagens e os sons, visto que afetam os sentidos e propiciam a interatividade à qual a criança e o jovem estão familiarizados por meio dos *games*. Alguns autores buscam lançar mão da convergência das mídias interativas, propondo um trabalho com a poesia aberto à hibridização dessas linguagens, é nesse contexto que se insere o objeto de nossa análise, os ciberpoemas,² criados por Sérgio Caparelli e Ana Cláudia Gruszynski e destinados ao leitor infantojuvenil.

O suporte inicial dos ciberpoemas foi a obra *Poesia visual*, publicada em 2000 por Capparelli e Gruszynsky. Conforme colocação dos próprios autores em artigo endereçado à Revista Famecos (2000), a proposta primeira, a publicação de 28 poemas visuais no suporte impresso, foi posteriormente dividida em outras duas etapas: a seleção de oito poemas visuais aprimorados por profissionais da informática e a elaboração dos ciberpoemas realizada em parceria com o estúdio W3Haus, agência digital que desenvolveu o site *Ciber&Poemas*.

A presença de outros profissionais, na composição dos ciberpoemas, demonstra que o artista da palavra não mais trabalha sozinho, as parcerias tornam-se imprescindíveis na medida em que o ambiente tecnológico exige conhecimentos técnicos de *softwares* e de *hardwares* fazendo com que o poeta busque auxílio especializado por parte de técnicos, fato que acaba por modificar o próprio conceito de autoria.

² Os ciberpoemas estão disponíveis no endereço eletrônico: <http://capparelli.com.br/ciberpoesia/layout.swf>

A página de apresentação do *site* é composta por cinco *links* distintos. À direita, na parte superior, situa-se o *link* que dá acesso à biografia dos autores; na parte inferior, aparece o *link* com informações sobre o livro impresso *Poesia Visual*, essa chamada não deixa de ser uma forma de propaganda livreira, recurso utilizado por diversos autores de literatura infantojuvenil que utilizam o ambiente virtual para divulgar sua obra impressa.

Na parte inferior esquerda da página inicial do *site* o leitor/navegador depara-se com as opções: “Ciberpoemas”, “Poemas visuais” e “Brincando na web”. Em “Brincando na web” encontram-se disponíveis em forma de *hiperlinks* endereços eletrônicos de *sites* de ciberpoemas e de poesia, por países e por poetas.

Em “Poemas visuais”, há um *link* hipertextual com a definição do que seja poesia visual, assim como um brevíssimo histórico da mesma. Abaixo do título, o leitor tem acesso a doze poemas visuais, divididos em grupos de quatro, quais sejam: *Navio*, *Chá*, *Van Gogh* e *Babel*; *Cheio*, *Vazio*, *Eu/tu*, *Xadrez*; *Zigue-zague*, *Primavera*, *Gato* e *Flechas*.



Figura 2: Os quatro primeiros poemas visuais de Capparelli e Gruszynski. Disponível em: <http://www.ciberpoesia.com.br>.

Ao clicar sobre os “Poemas visuais”, o leitor tem duas possibilidades de leitura: ler os poemas na tela do computador como se estivessem na página do livro impresso ou dar vida e movimento aos mesmos por meio recurso *zoom*. Ao clicar no comando “Clique na lupa para aumentar ou diminuir o poema e clique e arraste para movê-lo” o leitor pode aumentar ou diminuir o tamanho das letras de acordo com sua preferência.

Tais estratégias, aparentemente simples, além de permitir que a criança e o jovem possam transitar entre os papéis de leitor e navegador, exigem competências e habilidades de leitura por parte dos mesmos. Essas opções, possíveis apenas no ambiente virtual, propiciam interatividade entre leitor e texto, fazendo com que esse escolha a melhor forma de leitura e tenha relativa autonomia sobre a mesma.

Clicando sobre a “versão ciber”, logo abaixo do título dos poemas visuais, o leitor/navegador tem acesso à nova versão dos mesmos. O acesso aos “Ciberpoemas”, de imediato, permite perceber que se trata de uma obra hipertextual e hipermediática. O primeiro aspecto fica evidente pelo fato de que a entrada para cada poema está construída a partir de *hiperlinks*; o segundo aspecto manifesta-se pela integração de diferentes linguagens na composição do poema: desde a visual até os sons e os movimentos que fazem parte da execução dos ciberpoemas. Na figura abaixo, observa-se a disposição dos quatro primeiros ciberpoemas na página do *site*.



Figura 3: Os ciberpoemas de Caparelli e Gruszynski disponível em: <<http://www.ciberpoesia.com.br>>.

Devido à brevidade do presente trabalho, analisaremos apenas o primeiro ciberpoema do *site*, *Chá*, observando que, de maneira geral, a dinâmica de composição do mesmo, com as devidas variações, repete-se nos demais ciberpoemas da página.

O ciberpoema *Chá*, de autoria de Capparelli e Gruszynski, apresenta animações e ilustrações de Francisco Baldini. Nele o leitor/navegador é convidado a participar de uma espécie brincadeira, qual seja, adicionar os elementos necessários para o preparo de uma xícara de chá. Inicialmente aparece na tela um saquinho com a instrução: “clique e arraste os ingredientes para dentro da xícara para preparar seu chá. Avance”. Ao avançar, o leitor se depara com os elementos físicos necessários ao preparo da bebida: bule, colher, xícara e o pacotinho de mate. O saquinho de chá apresenta em sua etiqueta os versos do poema. Se o leitor/navegador se esquecer de adicioná-lo, o programa, imediatamente, avisa-o sobre a falta desse elemento.

Assim que o leitor/navegador clica sobre o bule, esse, de seu bico, verte letrinhas sobre a xícara. Ao acionar a palavra “pronto”, automaticamente, a colherinha “se levanta”

e mexe o chá, a xícara aumenta em tamanho e, como se fosse a fumaça, ou o vapor, aparece a letra do poema: "Deixe a infusão/o tempo necessário/até que os nossos aromas/e os nossos sabores/se misturem". Conforme a quantidade de elementos escolhidos para colocar na xícara a "fumaça" sai com cores e formas diferentes, o texto, porém, é sempre o mesmo.

Interessante observar que algumas imagens são inseridas no contexto: a foto de um casal de namorados, estrelas e corações. Tal sugestão faz com que o leitor se depare com características do texto poético como a evocação de sentimentos e incorpore um pouco de fantasia à tarefa rotineira. Nessa perspectiva, o chá do poema necessita de amor (casal), de estrelas (sonho) e de corações (união, sentimento). A elaboração da linguagem poética, no texto escrito, manifesta-se na presença das metáforas "até que os nossos aromas e os nossos sabores se misturem" que, além da apreciação estética conduzem o leitor à reflexão.

A textualidade no ciberpoema *Chá*, não se limita ao uso da palavra, uma vez que nele se encontram outros signos como a imagem, o som e o movimento, de forma que a significação não depende da compreensão isolada da palavra, mas do diálogo entre as diferentes linguagens. Observa-se que a ênfase do ciberpoema não recai sobre a mensagem textual, essa é apenas uma entre as outras linguagens digitais. Nas palavras de Capparelli et al (2000, p. 80): "Pode se falar que neste ciberpoema, a escrita se dilui na mágica dos movimentos e dos sons e é vista apenas nos vãos das imagens". Na figura abaixo segue a imagem do ciberpoema com seus elementos composicionais.



Figura 4 – Ciberpoema *Chá*. Disponível em: <<http://www.ciberpoesia.com.br>>.

Os recursos sonoros no ciberpoema *Chá* se efetivam por meio da interatividade com o leitor. Quando este passa o cursor sobre a foto dos namorados, por exemplo, o som de um beijo estalado é acionado. As estrelas, quando "ativadas", acionam um som metálico, os corações imitam o som de batimentos cardíacos e o bule ativa o som de

louça. Ao final da leitura, a *performance* do leitor é gratificada pelos aplausos da máquina que o congratula por ter feito “surgir” um novo poema, tornando-se, em certa medida, co-autor do mesmo.

Em relação à estrutura, o ciberpoema *Chá* possui algumas características semelhantes a dos *games* que avisam o jogador quando esquece algo (no caso do ciberpoema, avisam-no quando falta um elemento essencial para o preparo do chá) e parabenizam o jogador quando este encerra uma etapa do jogo (no ciberpoema, os aplausos cumprem essa função). Essas estratégias, embora simples, incentivam a criança e o adolescente a continuarem “jogando\lendo”.

Embora não haja grande autonomia criativa por parte do leitor, talvez um dos aspectos mais interessantes dos ciberpoemas seja o fato de que os mesmos representam uma tentativa de utilizar as ferramentas da comunicação presentes no ciberespaço para ampliar e alterar o tipo de participação do leitor, tornando-o um elemento mais ativo no processo de leitura e de composição dos poemas.

Considerações

O ambiente virtual influi sobre a maneira como a leitura é realizada. A arte digital não se apresenta como algo definido e acabado e a proposta do artista (autor) é constantemente atualizada pela interação com o leitor, sendo que, na poesia, o sentido poético se dá a partir da hibridização das mídias digitais. É dessa forma que a “Obra aberta”, anunciada por Eco, vai se incorporando às telas dos computadores em rede do universo cibercultural. Cada vez mais os autores contemporâneos se deparam com novas possibilidades e potencialidades a serem exploradas no ciberespaço. Iniciativas como as dos ciberpoemas, de Capparelli e Gruszynski, embora sejam um pequeno passo, demonstram que a literatura infantojuvenil, ao incorporar recursos interativos, hipertextuais e midiáticos, está interagindo com o leitor do século XXI.

Uma das características da literatura digital é a diminuição hierárquica do papel do autor, não mais visto como único detentor do conhecimento, e do leitor, não mais um receptor passivo. A literatura no ciberespaço influencia a identidade, tanto do leitor adulto quanto do leitor infantojuvenil, tornando-os interativos e inteirados com as novas linguagens midiáticas.

Não é fácil refletir sobre o nosso próprio tempo, porém é importante ressaltar que uma reflexão sobre a literatura no ciberespaço, e a poesia em específico, pressupõe a avaliação de um processo em transformação constante e contínua; os novos gêneros e

mídias que emergem a partir dos meios digitais obrigam os estudos literários a revisitar conceitos sobre autoria e recepção.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

(Obras escolhidas, 1)

CAPPARELLI, S; GRUSZYNKI, A. C.; KMOHAN, G. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 13, 2000. Disponível em: <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3082/2358>
>. Acesso em: 09/2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.